

Segurança de Jovens na Internet: Riscos, Respostas e Recomendações de Pesquisa

Adina Farrukh, Rebecca Sadwick e John Villasenor

INTRODUÇÃO

Adina Farrukh, uma ex-professora de ensino fundamental, é atualmente aluna de pós-graduação em políticas públicas na UCLA Luskin School of Public Affairs e uma pesquisadora no Luskin Center for Innovation da UCLA.

Rebecca Sadwick é uma pesquisadora no Luskin Center for Innovation da UCLA. Seu trabalho anterior inclui o estudo do impacto do pagamento baseado em mérito e no título do professor nas defasagens da América por meio do Centro para Políticas Americanas e Política Pública.

John Villasenor é *senior fellow* não residente em Estudos de Governança e no Centro para Inovação em Tecnologia na Brookings. Ele também é um professor de engenharia e política pública na UCLA. Durante o outono de 2014, ele é um *National Fellow* na Hoover Institution em Stanford.

Tradução: Vera Prada Maluf

O trabalho que levou a este estudo foi realizado no Luskin Center for Innovation na UCLA School of Public Affairs, com suporte do Google. Os autores agradecem a Anne Collier e Larry Magid, Co-diretores do ConnecSafely.org pelos conselhos valiosos durante este projeto.

A medida que aumenta o uso da Internet pelas crianças e adolescentes, também aumentam as preocupações sobre sua segurança on-line. Proporcionar um ambiente seguro requer uma compreensão profunda dos tipos de riscos on-line que os jovens usuários da Internet enfrentam, bem como das soluções mais eficazes para a mitigação desses riscos.

Apesar da quantidade bastante significativa de pesquisas conduzidas com relação a esses riscos, aprimorar a segurança de crianças/jovens na Internet permanece um desafio. Em parte, isso se dá uma vez que as definições dos termos e categorias relevantes para a segurança on-line (tais como "cyberbullying") frequentemente variam, o que torna imprecisa a comparação das estatísticas e constatações entre as fontes. Além disso, há sobreposições complexas entre os diferentes subtópicos de segurança on-line. No geral, esses fatores podem dificultar a identificação de lacunas específicas nas pesquisas e conhecimento existentes. Se essas lacunas puderem ser melhor identificadas e supridas, uma compreensão baseada nos dados sobre os problemas que os jovens enfrentam poderia desempenhar um papel fundamental no direcionamento das decisões de política com relação à segurança on-line.

Para abordar essa questão, o presente estudo visa apresentar 1) uma visão geral da pesquisa sobre segurança on-line existente envolvendo uma ampla gama de categorias, 2) uma análise das principais constatações, 3) uma identificação das lacunas no conhecimento, e 4) um conjunto de recomendações para pesquisa em áreas específicas que seja capaz de promover o diálogo sobre políticas relacionadas à segurança on-line.

SEGURANÇA DE CRIANÇAS/JOVENS NA INTERNET: UMA ABORDAGEM BASEADA EM CATEGORIA

O apêndice na página doze relaciona as mais de 50 publicações que foram consideradas neste estudo. Para cada publicação, identificamos a categoria de segurança on-line relevante (ou, em muitos casos, as categorias), bem como o país principal onde o estudo foi realizado, além de outras informações relevantes. Então, integramos os resultados com base nas categorias identificadas abaixo.

CYBERBULLYING

DEFINIÇÕES DISTINTAS. Alguns casos de *cyberbullying* são claramente identificáveis, dada a linguagem e a tática utilizadas para importunar e/ou intimidar uma vítima on-line. No entanto, dada a gama de comportamentos problemáticos/prejudiciais envolvidos, algumas vezes pode ser difícil apontar com precisão quando uma ação cruza a linha de má conduta para uma ofensa¹ mais séria—e possivelmente criminosa. Não obstante, os pesquisadores geralmente caracterizam o *cyberbullying* como ações que utilizam um meio tecnológico para intimidar ou transmitir uma intenção de prejudicar. Com frequência a comunicação envolve a repetição de atos e um desequilíbrio de poder entre a vítima e o perpetrador².

No bullying na Internet, o desequilíbrio de poder pode ser conceitualizado em uma série de formas. Por exemplo, um intimidador pode ter uma maior familiaridade com a Internet do que a vítima.

Em discussões de *cyberbullying*, a repetição implica que a comunicação seja repetida e o dano seja intencionalmente infligido—tipicamente não é uma ocorrência única e isolada³. O desequilíbrio de poder refere-se amplamente à dinâmica que dá ao intimidador poder sobre a(s) vítima(s). Na forma tradicional de intimidação que ocorre pessoalmente, o desequilíbrio de poder frequentemente toma a forma de vantagem por força física, tamanho, ou outra vantagem estratégica. Na intimidação pela Internet, o desequilíbrio de poder pode ser conceitualizado de uma série de formas. Por exemplo, um intimidador pode ter maior familiaridade com a Internet do que a vítima. O intimidador também é capaz de preservar o anonimato: a força física não é necessária para manter o poder,

uma vez que o intimidador cibernético é capaz de proteger sua identidade da(s) vítima(s)

1 Sabella, R. A., Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2013). Cyberbullying myths and realities. *Computers in Human Behavior*, 29(6), 2703-2711.

2 (Sabella et al, 2013).

3 Slonje, R., Smith, P. K., & Frisén, A. (2013). The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. *Computers in Human Behavior*, 29(1), 26-32.

por um período de tempo prolongado⁴. Essa habilidade de ocultar a identidade também é capaz de levar ao *cyberbullying* pessoas que não praticam bullying em contextos tradicionais. Adicionalmente, o fato de que o conteúdo no espaço cibernético é difícil ou impossível de deletar também pode contribuir para os sentimentos de impotência ou humilhação de uma vítima, o que, algumas vezes, podem desencorajá-la de buscar a ajuda de um adulto⁵.

Há muitas semelhanças entre os motivos e as naturezas do bullying tradicional e do *cyberbullying*. Alguns pesquisadores apontam para o fato que muitos dos mesmos riscos que os jovens enfrentam na Internet também estão presentes offline. Por exemplo, “frequentemente há uma ligação entre o bullying na escola e *cyberbullying*”⁶. A forte sobreposição dos motivos entre bullying tradicional que ocorre pessoalmente e o *cyberbullying*—especialmente na busca de vingança e poder—levou muitos pesquisadores a sugerir a implementação de estratégias com abrangência para toda a escola e comunidade com vistas a abordar o clima subjacente e as causas do bullying entre colegas. O bullying pode ter início offline e continuar on-line ou vice-versa, embora, em alguns casos, o intimidador cibernético e as vítimas não se conhecem no mundo offline. As iniciativas voltadas à escolas e comunidades com o objetivo de aprimorar os relacionamentos e as atitudes que os jovens têm entre si são consideradas medidas de prevenção potencialmente eficazes, embora ainda seja necessária pesquisa adicional sobre quais programas e estratégias em particular sejam mais eficazes⁷.

Preponderância. Diferentes estudos sobre *cyberbullying* tendem a produzir estatísticas distintas. Há uma falta de um consenso claro com relação à preponderância de *cyberbullying*, principalmente quando comparado ao *bullying* tradicional. Além disso, há evidência limitada com relação ao crescimento do *cyberbullying*, e se (e até que ponto) ele pode parcialmente tomar o lugar do *bullying* offline.

As definições e metodologias de pesquisa distintas utilizadas pelos pesquisadores também contribuem para a ausência de um consenso entre as estatísticas produzidas pelos diferentes estudos. Por exemplo, os pesquisadores relataram números sobre o percentual de jovens que foram vítimas de *cyberbullying* que podem chegar a até 72 por cento ou podem ser de apenas 4 por cento⁸. Embora a maioria dos estudos tenha a tendência de reportar números entre 6 por cento e 30 por cento⁹, o desenvolvimento de um método de pesquisa mais longitudinal, com base em uma definição mais padronizada de *cyberbullying*, tornaria os estudos menos

4 (Slonje et al, 2013).

5 (Slonje et al, 2013).

6 Magid, L. (11 de novembro de 2013). *Preventing and recovering from bullying—what works and what doesn’t*. Retirado de <http://www.safekids.com/2013/11/13/preventing-and-recovering-from-bullying-what-works-and-what-doesnt/>

7 (Magid, novembro de 2013).

8 Kowalski, R. M., & Limber, S. P. (2013). Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying. *Journal of Adolescent Health, 53*(1), S13-S20.

9 (Sabella et al, 2013).

suscetíveis às diferenças na percepção e interpretação entre os jovens¹⁰. Isso é especialmente verdadeiro, dado o fato que os jovens (e alguns pesquisadores) interpretam o termo “*bullying*” de forma distinta, tornando mais difícil desenvolver consistência na análise de suas respostas às pesquisas sobre o comportamento on-line¹¹.

Alguns estudiosos alertam contra qualquer uso da palavra “*bully*” (intimidador) ou “*cyberbully*” (intimidador cibernético) principalmente nas escolas. Eles favorecem o uso da palavra “vitimização”, que pode descrever mais tipos de comportamentos negativos a serem abordados imediatamente nas escolas e comunidades¹². Considerando-se os recentes esforços de conscientização da mídia e da comunidade, a palavra “*bully*” carrega, para muitas crianças, uma conotação que inclui “todo o comportamento cruel imaginável - desde revirar os olhos em resposta a ‘não querer ser seu amigo’ até o assédio até a agressão sexual”¹³. Dorothy Espelage da Universidade de Illinois escreveu que o uso excessivo da palavra *bully* “realmente obscureceu nossa habilidade de focar no que está acontecendo com as crianças”¹⁴. Com frequência, o termo é aplicado de forma indevida a ações ou comportamento “que são normativos, ou parte de ser um ser humano (tais como dizer algo maldoso quando se está bravo, ou cometer um erro verdadeiro do qual possa se arrepende posteriormente)”¹⁵. A caracterização de todo o comportamento negativo como *bullying* pode desencorajar as crianças a buscarem a ajuda dos adultos se elas temerem que um adulto irá reagir de forma excessiva e exacerbar os problemas atraindo atenção indesejada. Normalmente, esse é o caso quando os adultos, equivocadamente, atribuem “comportamento que não é sério e passível de ação” a *bullying*¹⁶. Dito isso, os comportamentos que venham a não se enquadrar em uma definição específica de *bullying* (por exemplo, que possam ficar fora da definição de “*bullying*” em particular em uma política escolar) poderiam, não obstante, garantir intervenção, que é um motivo adicional pelo qual alguns pesquisadores sugerem atribuir comportamentos negativos à “vitimização”¹⁷.

MOTIVOS. Os motivos pelos quais os perpetradores escolhem praticar o *cyberbullying* tendem a variar. No entanto, a vingança resultante de conduta percebida como injusta frequentemente é uma razão citada entre os jovens que admitiram praticar o *cyberbullying* contra outros. O espaço cibernético tornou-se um novo fórum para intimidação para pessoas que possam estar

10 Vandebosch, H., & Van Cleemput, K. (2009). Cyberbullying among youngsters: Profiles of bullies and victims. *New Media & Society*, 11(8), 1349-1371.

11 (Sabella et al, 2013).

12 Collier, A. (4 de junho de 2013). *Stop Using the Word “bullying” in School, Researchers Say*. Retirado de <http://www.netfamilynews.org/stop-using-the-word-bullying-in-school-researchers-say>

13 (Collier, junho de 2013).

14 Toppo, G. (1o de maio de 2013). *Researchers: Stop Using the Word ‘bullying’ in School*. Retirado de <http://www.usatoday.com/story/news/nation/2013/04/30/bullying-american-educational-research-association-schools/2124991/>

15 (Collier, junho de 2013).

16 (Collier, junho de 2013).

17 (Collier, junho de 2013).

muito amedrontadas ou enfraquecidas para praticar a intimidação de forma tradicional que as tornariam mais facilmente identificáveis¹⁸. Os jovens intimidadores cibernéticos também citam a habilidade de preservar a anonimidade e atingir públicos maiores como motivos pelos quais eles começaram a vitimizar um outro jovem on-line. De forma considerável, uma vez que a anonimidade pode frequentemente ser preservada e somente o conhecimento mais elementar da Internet é necessário para se engajar no *cyberbullying*, os jovens intimidadores cibernéticos ainda não têm um conjunto de características claramente definidas¹⁹. Qualquer jovem—desde um excelente aluno ao engraçadinho da classe - pode ser um intimidador cibernético.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO / PREVENTIVAS. As estratégias preventivas mais básicas (as quais também podem ser empregadas em um contexto mais amplo de segurança na Internet) incluem:²⁰

- Encorajar os jovens a não divulgar informações que os identifiquem on-line
- Utilizar endereços de IP para rastrear e bloquear visitantes problemáticos
- Trocar as contas de usuário on-line se o assédio começar.

Da mesma forma que com o *bullying* tradicional, o *cyberbullying* entre colegas pode ser inserido em um contexto social mais amplo. Frequentemente, os adultos e jovens têm interpretações distintas de vitimização on-line. Por exemplo, em alguns casos, os adultos são mais inclinados a considerar determinados atos como *cyberbullying*, os quais, os jovens podem descrever como desentendimento entre colegas (que frequentemente teve início com um problema offline)²¹. Desta forma, os pesquisadores com frequência encorajam as escolas a desenvolver “programas contra *cyberbullying*” a fim de reduzir e abordar o *cyberbullying* entre colegas de classe. Tais programas podem também facilitar a criação de uma política de prevenção de bullying por toda a escola, bem como possibilitar avaliações anuais da eficácia dessas políticas. Programas bem-sucedidos e eficazes trabalham para promover estratégias anti-bullying em todos os níveis na escola—“desde alunos individuais e salas de aula até equipes de anti-bullying que congreguem educadores e alunos”²².

Stan Davis e Charisse Nixon do Projeto Voz Jovem (*Youth Voice Project*) conduziram “pesquisas com 13.177 alunos em 31 escolas em 12 estados” e constataram que “quando uma escola trabalha para construir definições claras de um comportamento respeitoso com um

18 (Sabella et al, 2013; Slonje et al, 2013).

19 (Sabella et al, 2013; Slonje et al, 2013).

20 (Slonje et al, 2013).

21 Magid, L. (26 de maio de 2013). Child Safety on the Information Highway—2013—Edição de 20o Aniversário. Retirado de <http://www.safekids.com/child-safety-on-the-information-highway/>

22 Nigam, Hemanshu. (29 de agosto de 2013). Choosing the right anti-bullying program. Retirado de <http://www.safekids.com/2013/08/29/choosing-the-right-anti-bullying-program/>

envolvimento significativo dos alunos, a maioria dos alunos apoia e passa a seguir esses padrões comportamentais”²³. Contudo, nas escolas que impõem respostas disciplinares desproporcionais ou de “tolerância zero”, os comportamentos de intimidação podem ser exacerbados. Conforme afirmou Larry Magid, “é melhor ter consequências claras e consistentes e relativamente menores—porém certas—do que programas de tolerância zero, com consequências severas, que sejam administrados pouco a pouco de forma inconsistente”²⁴. Os jovens pesquisados no Projeto Voz Jovem também observaram a importância da inclusão e do apoio de seus pares no enfrentamento do bullying para reduzir seu impacto negativo²⁵. Embora o apoio e encorajamento dos adultos frequentemente amenizassem as coisas para as vítimas de *cyberbullying*, os jovens eram mais influenciados pelos amigos e pares que lhes davam apoio, os quais diziam que eles não mereciam o tratamento negativo, e/ou que não era culpa deles.²⁶

ONDE HÁ NECESSIDADE DE MAIS TRABALHO. Desenvolver um consenso sobre a definição de *cyberbullying* (e das categorias de comportamentos de *cyberbullying*) seria benéfico para as pesquisas futuras. É importante reconhecer que os pais, educadores e jovens podem ter percepções distintas do que constitui *cyberbullying*. Além disso, é importante identificar quais estratégias e programas preventivos são mais eficazes em desencorajar *cyberbullying* e agressão na Internet pelos jovens. Além disso, ainda não há uma compreensão clara dos fatores demográficos (gênero, idade, status socioeconômico e raça, etc.) associada à probabilidade de se tornar um intimidador cibernético ou uma vítima cibernética. A pesquisa nessa esfera poderia ajudar as comunidades a elaborar programas de prevenção mais individualizados e eficazes, o que poderia incluir estratégias baseadas no lar, na escola ou na comunidade.

ASSÉDIO SEXUAL/ EXPOSIÇÃO INDESEJADA A CONTEÚDO SEXUAL

DEFINIÇÕES. Há uma base significativa de literatura existente que estuda o assédio sexual de menores por adultos e por outros jovens. Os comportamentos que constituem assédio sexual incluem solicitações de contato sexual, conversas com conotação sexual, envio ou solicitação de fotografias sexuais, ou a divulgação de informações sexuais indesejadas. O “assédio sexual agressivo” também pode incluir o assédio que ocorra offline, seja através de telefone, correspondência ou pessoalmente²⁷.

23 Davis, S. & Nixon, C. L. (2013). Youth Voice Project: Student Insights into Bullying and Peer Mistreatment. Campaign, IL: Research Press, conforme citado em Magid, L. (11 de novembro de 2013). Preventing and recovering from bullying—what works and what doesn't. Retirado de <http://www.safekids.com/2013/11/13/preventing-and-recovering-from-bullying-what-works-and-what-doesnt/>

24 (Magid, maio de 2013).

25 (Magid, maio de 2013).

26 (Magid, maio de 2013).

27 Mitchell, K. J., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2007). Trends in youth reports of sexual solicitations, harassment and unwanted exposure to pornography on the Internet. *Journal of Adolescent Health*, 40(2), 116-126.

Exposição indesejada ou acidental a conteúdo sexual refere-se a qualquer circunstância na qual os jovens sejam confrontados com conteúdo sugestivo ou imagens/vídeos de caráter sexual enquanto surfam na web em busca de conteúdo não-sexual. Isso pode ocorrer durante as buscas na web, anúncios pop-up, golpes por e-mail, ou quando o jovem inadvertidamente abre links problemáticos em e-mails ou em mensagens instantâneas²⁸.

PREPONDERÂNCIA. De acordo com os resultados da edição de 2005 da Pesquisa sobre Segurança de Jovens na Internet, 1 em cada 7 jovens norte-americanos havia experimentado assédio sexual conforme definido acima. Essa estatística, bem como a estatística da primeira iteração desse estudo que relatou o número de 1 em cada 5 jovens, têm sido citadas frequentemente em estudos sobre a preponderância dos perigos on-line. No entanto, dois terços dos jovens afetados relataram não considerar o assédio sério ou perturbador (embora a avaliação de uma pelo próprio jovem não seja necessariamente um indicador preciso de quão problemática ela pode ser). Além disso, somente 1 em cada 25 crianças recebeu solicitações agressivas ou relatou ficar perturbada como um resultado da solicitação on-line²⁹. Pesquisadores do Centro de Pesquisa de Crimes Contra Crianças da Universidade de New Hampshire acreditam que esse número seja mais representativo das experiências dos jovens com assédio sexual online³⁰. Além disso, resultados da mais recente Pesquisa de Segurança de Jovens na Internet mostram um declínio tanto em assédio sexual (de 13 por cento para 9 por cento), como em assédio sexual agressivo (de 4 por cento para 3 por cento)³¹.

Alguns dados sugerem que a exposição indesejada a conteúdo sexual é muito mais prevalente do que o assédio sexual de jovens. Um em cada três jovens relatou que havia se deparado com tal conteúdo enquanto surfava na web³². Isso é de acordo com a pressuposição amplamente difundida que a Internet aumentou significativamente a quantidade de material pornográfico/sexual disponível, o que, por sua vez, aumentou a probabilidade de jovens acessarem de forma acidental tal conteúdo na web. Embora haja divergência nos números sobre a exposição de jovens a material sexualmente explícito, alguns estudos relataram que os jovens (principalmente as crianças mais novas) são ainda mais propensos a encontrar material pornográfico on-line, através de programas de televisão ou filmes.³³

28 (Michel et al. 2007)

29 Wolak, J., Finkelhor, D., Mitchell, K. (2007). *1 in 7 Youth: The Statistics about Online Sexual Solicitations*. Retirado de http://www.unh.edu/ccrc/internet-crimes/factsheet_1in7.html.

30 (Wolak et al, 2007).

31 Mitchell, K. J., Jones, L., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2014). *Trends in Unwanted Online Experiences and Sexting*. Durham, NH: Crimes Against Children Research Center.

32 Wolak J, Mitchell K, Finkelhor D. (2006). *Online victimization of youth: 5 years later*. Retirado de : <http://www.unh.edu/ccrc/pdf/CV138.pdf>

33 The Berkman Center for Internet & Society. (2008). *Enhancing Child Safety & Online Technologies: Final Report of the Internet Safety Technical Task Force To the Multi State Working Group on Social Networking of State Attorneys General of the United States*. Cambridge, MA: Harvard University.

MEDIDAS DE PREVENÇÃO/SOLUÇÃO. A estratégia sugerida com maior frequência para impedir o assédio sexual consiste em encorajar ou ajudar os jovens a bloquear o solicitante ou sair do fórum on-line no qual elas são encontradas.

Algumas crianças confrontam diretamente o solicitante dizendo-lhe para parar, enquanto outras simplesmente os ignoram. Em geral, no entanto, pouquíssimas crianças efetivamente relatam esses casos a seus pais ou a outras figuras de autoridade. A Pesquisa de Segurança de Jovens na Internet em 2005 constatou que a maioria das crianças que sofrem assédios agressivos on-line não falou sobre a situação à ninguém³⁴. Da mesma forma, a maioria dos jovens optou por sair imediatamente do site (saindo da janela), ou bloqueá-lo completamente, ao encontrarem material sexual indesejado.

ONDE HÁ NECESSIDADE DE MAIS TRABALHO. Conforme observado acima, poucas crianças tendem a envolver os pais ou figuras de autoridade após sofrerem solicitação sexual ou encontrarem conteúdo sexual indesejado. Dessa forma, seria útil explorar como os pais e outras figuras de autoridade podem desempenhar um papel mais ativo para proteger as crianças de tais encontros. Em particular, seria útil ter uma pesquisa mais definitiva sobre como as tecnologias de filtro e de firewall podem ser empregadas de forma mais eficaz, e se outras parcerias (por exemplo, com empresas que fornecem acesso à Internet, serviços de busca, serviços de conteúdo e outros serviços) podem facilitar ambientes mais seguros para as crianças.

O PAPEL DA PRIVACIDADE

Muitos dos riscos que a Internet oferece podem ser mitigados se os jovens preservarem de maneira mais proativa sua privacidade on-line. Fazer isso requer que eles estejam mais cientes das consequências de divulgar informações que permitem sua identificação, e das diretrizes para a determinação de quando é apropriado fazê-lo. Infelizmente, muitos jovens não reconhecem facilmente situações nas quais a divulgação de informações pode colocá-los em risco. Uma pesquisa recente mostrou que as crianças tendem a visualizar a interação on-line e offline “como parte da mesma realidade” e têm mais confiança nas pessoas com as quais elas interagem do que os pais têm consciência³⁵. Alguns jovens agem sob a suposição de que as informações que eles optam por compartilhar estão restritas a seu círculo de amigos, e nem sempre percebem que posteriormente elas

A Pesquisa de Segurança de Jovens na Internet em 2005 constatou que a maioria das crianças que experimentam solicitações agressivas on-line não mencionou as solicitações para ninguém.

34 (Wolak & Finkelhor, 2006).

35 OECD. (2012). *The Protection of Children Online: Recommendation of the OE CD Council*. Paris, França.

podem se tornar disseminadas de forma muito mais ampla³⁶. Com frequência, os jovens não estão cientes da “amplitude e escopo” do público da Internet e, portanto, dos perigos em potencial de postar informações privadas on-line. Além disso, atitudes voltadas para a preservação da privacidade são amplamente influenciadas por preferências pessoais—que podem e devem ser informadas por orientação parental.³⁷

CONSCIÊNCIA SOBRE PRIVACIDADE. Embora exista muito espaço para melhorar a consciência a respeito da privacidade, os jovens estão “longe de serem desinteressados e despreocupados sobre questões de privacidade”³⁸. Por exemplo, a maioria dos jovens que possuem perfis no Facebook modificam suas configurações de privacidade “pelo menos até certo grau” para restringir suas informações e fotografias a um público específico³⁹. De forma mais ampla, 62 por cento dos adolescentes pesquisados em um estudo possuem suas contas de mídia social completamente configuradas como “privadas”, ao passo que apenas 17 por cento tornaram suas informações públicas⁴⁰. Em um estudo distinto, 81 por cento dos jovens pesquisados que utilizam sites de rede sociais relataram utilizar as configurações de privacidade para proteger suas informações pessoais.⁴¹ Além disso, 70 por cento dos adolescentes já em um outro estudo declararam que buscaram aconselhamento sobre como gerenciar sua privacidade on-line⁴².

ENVOLVIMENTO DOS PAIS E DA COMUNIDADE

As medidas tomadas pelos adultos (pais, educadores e funcionários do governo) para proteger jovens contra os riscos on-line normalmente incluem:

- Monitorar os jovens (através de tecnologias on-line e software, ou supervisão pessoal)
- Educar os jovens sobre os riscos em potencial
- Tentar ensinar comportamentos on-line apropriados

Os adolescentes tendem a confiar em seus pais e em outros adultos presentes em suas vidas a

36 (OECD, 2012).

37 (OECD, 2012).

38 boyd, d. & Hargittai, E. (2010). Facebook privacy settings: Who cares? *First Monday*, 15(8).

39 (boyd & Hargittai, 2010).

40 Madden, M., Lenhart, A., Cortesi, S., Gasser, U., Duggan, M., Smith, A., Beaton, M.. (21 de maio de 2013) *Teens, Social Media, and Privacy*. retirado de http://www.pewinternet.org/files/2013/05/PIP_TeensSocialMediaandPrivacy_PDF.pdf

41 Hart Research Associates. (2012). *The Online Generation Gap: Contrasting attitudes and behaviors of parents and teens*. Washington, DC: Family Online Safety Institute.

42 Lenhart, A., Madden, M., Cortesi, S., Gasser, U., Smith, A. (15 de agosto de 2013). *Where Teens Seek Online Privacy Advice*. Retirado de www.pewinternet.org/files/old-media//Files/Reports/2013/PIP_TeensandPrivacyAdvice.pdf

respeito de informações sobre segurança on-line⁴³, de forma que uma campanha extensa para educar os pais tem a probabilidade de ser eficaz no aumento da segurança geral dos jovens. Os pais buscam informações sobre como melhor “proteger seus filhos on-line” através da “mídia de notícias em geral” (38 por cento), de outros pais (37 por cento) e através de escolas ou professores (29 por cento)⁴⁴.

PERCEPÇÃO PARENTAL DA SEGURANÇA DE JOVENS ON-LINE. A maioria dos pais relata que as atividades on-line geralmente são benéficas para os jovens, e sentem que seus filhos estão seguros on-line. Dentre os pais pesquisados pelo *Family Online Safety Institute*, 42 por cento sentiram que seu filho estava muito seguro on-line, 44 por cento sentiram que seu filho estava pouco seguro on-line. Apenas 3 por cento dos pais sentiram que seu filho estava muito inseguro on-line, e 10 por cento sentiram que seu filho estava pouco inseguro⁴⁵. Em geral, os estudos relatam que os pais se preocupam mais com a possibilidade de seus filhos visualizarem informações ou fotografias sexualmente explícitas on-line, ou se comunicarem com estranhos.⁴⁶ Dentre os pais pesquisados pelo *Family Online Safety Institute*, 93 por cento afirmaram que conversaram com seus filhos sobre esses riscos e estabeleceram normas ou limites para as atividades on-line de seus filhos. No entanto, apenas 61 por cento dos jovens relataram ter tais conversas com seus pais, o que indica uma disparidade entre as gerações que pode ser explicada pelas diferenças que os jovens e os pais têm na conotação dos termos utilizados para discutir as atividades e riscos on-line.⁴⁷

ORIENTAÇÃO PARENTAL. A maioria dos pais relata que é relativamente fácil “orientar e supervisionar o uso de diversas mídias por seus filhos”, embora as pesquisas com jovens e pais relatem uma disparidade significativa entre a percepção parental da atividade dos jovens on-line e as experiências reais dos jovens.⁴⁸ Dentre os adolescentes pesquisados pelo Hart Research Associates, 39 por cento responderam que seus pais monitoram suas atividades on-line “muito” ou “um pouco” de perto, embora 84 por cento dos pais responderam que eles monitoram as atividades de seus filhos “muito” ou “um pouco” de perto. Da mesma forma, 91 por cento dos pais afirmaram que eles estão bem informados sobre o que seus filhos adolescentes fazem on-line e em seus celulares, embora apenas 60 por cento dos adolescentes pesquisados afirmem que seus pais estejam bem informados⁴⁹. Parte da divergência na percepção dos pais e jovens quanto ao monitoramento das atividades on-line deriva do fato de que alguns pais tomam medidas para proteger a segurança on-line de seus filhos das quais

43 (Hart Research Associates, 2012).

44 Hart Research Associates. (2011). Who Needs Parental Controls? A Survey of Awareness, Attitudes, and Use of Online Parental Controls. Washington, DC: Family Online Safety Institute.

45 (Hart Research Associates, 2011).

46 (Hart Research Associates, 2011).

47 (Hart Research Associates, 2012).

48 (Hart Research Associates, 2011).

49 (Hart Research Associates, 2012).

seus filhos não estão cientes. A diferença na interpretação de termos como “monitoramento” também é responsável por parte da diferença na compreensão das experiências dos jovens.

VISÕES SOBRE SEGURANÇA ON-LINE. A confiança na segurança e nos benefícios das experiências on-line “diminui à medida que a criança cresce, e quanto mais tempo ele ou ela passa on-line”⁵⁰. Ainda, conforme mencionado acima, uma maioria esmagadora de adolescentes e pais pesquisados pelo Hart Research Associates relatou acreditar que os jovens estão “muito” ou “um pouco” seguros on-line⁵¹. Ao serem questionados de forma aberta sobre o que implica estar seguro on-line, 25 por cento dos adolescentes mencionaram problemas de privacidade e “garantir que ninguém tenha acesso a informações pessoais ou que permitam a identificação”⁵². 17 por cento dos jovens “afirmam que segurança significa evitar dano ou assédio”⁵³. A maior preocupação entre os pais com relação à segurança on-line de jovens consiste em “evitar cenários de ‘perigo com estranhos’”, seguida de perto pela proteção da privacidade e das informações pessoais dos adolescentes.⁵⁴

LACUNAS ENTRE GERAÇÕES NAS ATITUDES EM RELAÇÃO AOS PROBLEMAS DE SEGURANÇA NA INTERNET

As lacunas entre gerações referem-se às diferenças entre “as percepções dos adultos de quais riscos os jovens enfrentam on-line”, e “a compreensão dos jovens e o uso da segurança on-line”.⁵⁵ Grande parte do programa da política sobre riscos on-line e do gerenciamento da segurança de jovens na Internet tem sido guiada pelas percepções dos adultos sobre risco on-line, ao invés de “descobrir o que preocupa as próprias crianças”⁵⁶.

O monitoramento eficaz baseia-se em uma compreensão e comunicação entre jovens e seus pais. No entanto, com frequência o monitoramento é impedido pela lacuna entre a habilidade dos pais e a habilidade das crianças com o uso da Internet, e suas diferentes percepções dos riscos oferecidos pelas atividades on-line. Os jovens percebem que os domínios “on-line” e “off-line” como estando altamente integrados, enquanto os pais percebem uma distinção entre ambos⁵⁷. É provável que isso reflita a importante função que a tecnologia e a Internet desempenham nas vidas e atividades diárias dos jovens, e sua maior habilidade em seu uso. Os

50 (Hart Research Associates, 2011, p 4.)

51 (Hart Research Associates, 2012).

52 (Hart Research Associates, 2012).

53 (Hart Research Associates, 2012, p. 2).

54 (Hart Research Associates, 2012, p. 2).

55 Strider, J., Third, A., Locke, K. & Richardson, I. (2012). Parental Approaches to Enhancing Young People's Online Safety. Melbourne, VIC: Cooperative Research Centre for Young People, Technology and Wellbeing.

56 Livingstone, S., Kirwil, L., Ponte, C., & Staksrud, E. (2014). In their own words: What bothers children online? *European Journal of Communication*, 29(3), 271-288.

57 Third, A., Spry, D., & Locke, K. (2013). Enhancing parents' knowledge and practice of online safety. Melbourne, VIC: Cooperative Research Centre for Young People, Technology and Wellbeing.

estilos de educação pelos pais têm impacto nas estratégias para assegurar a segurança on-line dos filhos, uma vez que os pais, assim como jovens, dão forma à sua abordagem às atividades on-line em grande parte com base nas estratégias offline. Em outras palavras, os pais abordam o comportamento on-line de seus filhos—e seu monitoramento—em grande parte da mesma forma que abordam o monitoramento das atividades e do comportamento offline de seus filhos⁵⁸.

Muitas abordagens para a mitigação dos riscos on-line enfrentadas pelos jovens têm como foco o gerenciamento de riscos através da educação e monitoramento, sem considerar o alto nível de habilidade tecnológica entre muitos jovens. Considerar as lacunas em potencial entre gerações na habilidade tecnológica é um importante componente na transposição das diferentes percepções entre jovens e adultos, e pode levar a respostas eficazes para as ameaças on-line⁵⁹. Frequentemente, os jovens relatam que “uma compreensão incorreta de gerações em relação ao valor da posição dos [sites de redes sociais] alimentaram as preocupações dos adultos em relação a como os jovens os utilizam”⁶⁰.

TRANSPONDO A LACUNTA ENTRE GERAÇÕES. O “*Living Lab*” (laboratório vivo) do Cooperative Research Center na Austrália estabeleceu “uma série de princípios norteadores [que] deveriam ser aplicados no desenvolvimento de modelos de educação de segurança cibernética futura”⁶¹. O estudo constatou que oportunidades estruturadas para adultos e jovens se engajarem no diálogo sobre segurança cibernética (de apenas uma única sessão de três horas) como sendo eficazes no fechamento da lacuna entre gerações, e para o encerramento de equívocos em potencial sobre a natureza dos riscos on-line que os jovens enfrentam e sua habilidade de responder a tais riscos de forma eficaz. Os jovens ressaltaram a importância da competência dos pais e da comunicação aberta na mitigação dos riscos on-line. As principais constatações da pesquisa do *Living Lab* incluem⁶²:

- Os jovens utilizam configurações de privacidade e controles de segurança ao utilizarem sites de redes sociais.
- Os adolescentes são frequentemente influenciados por seus pais ao decidirem como utilizar os websites.
- Os jovens podem ajudar a educar seus pais sobre os recursos e websites disponíveis on-line, o que pode ajudar os adultos a melhor supervisionar e facilitar sua segurança.

58 (Third et al, 2013).

59 (Third et al, 2013).

60 (Third et al, 2011, p. 7).

61 (Third et al, 2011, p. 8.)

62 Collier, Anne. (5 de fevereiro de 2013). *Tech Parenting Smarts from Teens: Australian Study*. Retirado de <http://www.netfamilynews.org/tech-parenting-smarts-from-teens-australian-study>

- “Modelos de aprendizagem experimental que promovem conversa entre gerações” são meios eficazes para ajudar os adultos a guiarem os jovens a uma atividade on-line mais responsável.⁶³

Os autores do estudo concluíram que os modelo de educação para o futuro e os princípios norteadores devem: “ser desenvolvidos em parceria com os jovens e reconhecer sua habilidade; ser experimentais em contraste aos didáticos; agregar o fornecimento on-line e face a face; ter um escopo que atenda às necessidades de habilidades técnicas específicas dos adultos, bem como fornecer capacidade para conversas de nível elevado sobre as dimensões socioculturais do uso de tecnologia pelos jovens; e ser flexíveis e iterativos de forma que sejam capazes de acompanhar a emergência de novas tecnologias e práticas de mídia on-line e interconectadas em rede”⁶⁴.

RECOMENDAÇÕES

Assegurar decisões para políticas eficazes relacionadas à segurança de jovens/crianças na Internet exigirá pesquisa adicional nas seguintes áreas:

- É necessária uma melhor compreensão do papel de fatores demográficos na formação de risco on-line e de respostas apropriadas⁶⁵.
- A maioria da pesquisa existente sobre *cyberbullying* é baseada em pesquisas de jovens e pais, com termos definidos pelos pesquisadores e variação entre os estudos. A condução de um estudo longitudinal que incorpore observação de participantes, entrevistas em profundidade, e um estudo da dinâmica e dos relacionamentos nas redes sociais relevantes tem a probabilidade de revelar informações mais precisas sobre o relacionamento entre *cyberbullying* e o contexto social no qual ele no ocorre⁶⁶.
- O uso de dispositivos móveis por jovens aumentou drasticamente nos últimos anos. É necessário mais trabalho para compreender como essa mudança

63 (Collier, Fevereiro de 2013).

64 (Third et al, 2011 p. 9).

65 O livro recente de Lynn Schofield Clark, *The Parent App: Understanding Families in the Digital Age*, fornece uma base importante para a compreensão de “como famílias de diversos históricos negociaram a introdução de nova mídia em suas vidas domésticas.” Este livro é baseado em parte em entrevistas com “194 adolescentes e pré-adolescentes com idades de onze e dezoito anos, bem como oitenta e seis de seus pais e sessenta e três de seus irmãos mais jovens” (Clark, 2013, p. 227). Um trabalho resultante nesta área baseado em um número ainda maior de entrevistas e em outros dados poderia ser muito valioso. Vide Clark, L. S. (2013). *The Parent App: Understanding Families in the Digital Age*. New York, NY: Oxford University Press.

66 (Vandebosch & Cleemput, 2009).

impacta a segurança on-line, e até que ponto as tecnologias móveis podem “amplificar os desvios”⁶⁷

- Uma melhor compreensão do papel específico que os dispositivos móveis desempenham na promoção da segurança on-line também é necessária. Como observado por uma publicação de 2012 do *Family Online Safety Institute* “os dispositivos móveis apresentam a maior oportunidade para educar os pais sobre as tecnologias de controle parental disponíveis, incluindo controles de smartphone e aplicativos que podem ser baixados”⁶⁸.
- Muitas das lacunas entre as gerações no entendimento da segurança na Internet podem ser atribuídas a uma falta de comunicação entre os pais e seus filhos. Dessa forma, a atenção ao desenho de programas e de ferramentas a fim de melhor facilitar essa comunicação no ambiente de tecnologia contemporânea seria útil na criação de medidas de prevenção e de resposta mais eficazes.
- Embora exista alguma atenção a “medidas de maior alcance” que tanto os pais como os jovens considerem úteis para elevar a conscientização e aumentar a compreensão sobre segurança na Internet, moldar estratégias para jovens e ambientes escolares em particular irá torná-las mais eficazes. Um tipo de mensagem “única para todos” tem, algumas vezes, dominado o campo de segurança na Internet. Conforme Larry Magig, co-fundador do ConnectSafety.org, observou, também é importante considerar a adoção de uma abordagem de saúde pública que leve em consideração os perfis de risco de diferentes grupos demográficos⁶⁹.
- Comportamentos como *cyberbullying* ou assédio sexual on-line de crianças e jovens normalmente permanecem não reportados, ou são reportados somente após muitas semanas, meses, ou anos. Pesquisas sobre formas de encorajar crianças/jovens a reportar essas situações de forma mais proativa em seu início poderiam ser valiosas para a mitigação dos danos resultantes.
- Ao avaliar a preponderância de fenômenos como *cyberbullying* ou assédio sexual on-line, seria útil ter uma definição padronizada (ou um conjunto de definições padronizadas que os pesquisadores possam citar facilmente) que

67 Finkelhor, D. (2014). Commentary: Cause for alarm? Youth and internet risk research - a commentary on Livingstone and Smith (2014). *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(6), 655-658. retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/store/10.1111/jcpp.12260/asset/jcpp12260.pdf?v=1&t=i0sd5749&s=adbd143a7604fa6b0ed5>

68 (Hart Research Associates, 2011, p. 2).

69 Correspondência Pessoal de Magid, L., julho de 2014.

descrevam o que tais fenômenos implicam. Embora os jovens irão experimentar episódios de *cyberbullying* ou de assédio sexual de forma distinta, contar com uma estrutura padronizada possibilita comparações mais precisas dos resultados de estudos distintos, e também ajudaria no projeto de novos estudos.

- Embora existam muitos programas educacionais e iniciativas de políticas que trabalhem para promover a segurança de jovens/crianças na Internet, mais avaliações baseadas em evidência e em dados de quais programas são mais eficazes são necessárias para melhor informar as políticas futuras e implementação do programa.
- É necessário mais trabalho para melhor compreender o impacto que os adultos e pessoas mais velhas têm em passar um modelo de comportamentos on-line apropriados na Internet. Em particular, é necessária uma melhor compreensão do impacto que as linhas cada vez menos precisas que separam as interações dos adultos on-line e offline (incluindo, mas não limitado ao namoro on-line e serviços de contratação) têm sobre a percepção pelos jovens dos riscos on-line e segurança.
- A integração quase completa de câmaras em celulares levou a uma cultura de "selfie" que coloca os jovens em uma posição sem precedentes: agora, eles têm o poder produzir seu próprio conteúdo potencialmente problemático que apresenta imagens deles próprios. Tal conteúdo causa muitas preocupações em potencial, incluindo a possibilidade que as imagens compartilhadas poderiam ser utilizadas posteriormente de maneiras exploradoras. É necessária mais pesquisa para discernir a melhor forma de reduzir a criação, distribuição e a exploração desse conteúdo.

APÊNDICE

Este apêndice contém as publicações que foram consideradas na redação deste estudo. Esta lista não tem intenção de ser exaustiva, mas pelo contrário, pretende ser representativa da profundidade e da amplitude das publicações que abordam a segurança de jovens/crianças on-line. Da mesma forma, muitas publicações neste campo abrangem muitas categorias (por exemplo, *cyberbullying*, privacidade, etc). e podem ser baseadas em dados coletados em um único país ou em múltiplos países.

Referência	Categorias	País/Região
Australian Communications and Media Authority. (2009) <i>Developments in Internet filtering technologies and other measures for promoting online safety</i> . Retirado de: www.acma.gov.au/webwr/_assets/main/lib310554/developments_in_internet_filters_2ndreport.pdf	<i>Cyberbullying</i> , Envolvimento dos pais e da comunidade (Medidas de Prevenção), Privacidade, Reputação na Internet, Medidas de Resolução dos Jovens, Conteúdo/Assédio Sexual	Austrália
Australian Communications and Media Authority. (2010). <i>Cybersmart parents: Connecting parents to cybersafety resources</i> . Melbourne, Austrália.	Envolvimento dos pais e da comunidade, lacunas entre gerações	Austrália
Australian Communications and Media Authority. (2013). <i>Like, post, share—short report. Young Australians and online Privacy</i> . Melbourne, Austrália.	Privacidade	Austrália
Australian Communications and Media Authority. (2013). <i>Like, post, share: Young Australians' experience of social media</i> . Melbourne, Austrália	<i>Cyberbullying</i> , Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Privacidade, Reputação na Internet, Medidas de Resolução dos Jovens, Lacunas entre Gerações, Conteúdo/Assédio Sexual	Austrália
Baas, N., de Jong, M. D., & Drossaert, C. H. (2013). Children's perspectives on cyberbullying: insights based on participatory research. <i>Cyberpsychology, behavior, and Social networking</i> , 16(4), 248-253.	<i>Cyberbullying</i> , Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Medidas de Resolução dos Jovens	Países Baixos
Berkman Center for Internet & Society. (2008). <i>Enhancing Child Safety and Online Technologies: Final Report of the Internet Safety Technical Task force to the Multi-State Working Group on Social Networking of State Attorneys General of the United States</i> . Boston, MA: Harvard University.	<i>Cyberbullying</i> , Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Privacidade, Reputação na Internet, Medidas de Resolução dos Jovens, Conteúdo/Assédio Sexual	Estados Unidos
boyd, d. & Hargittai, E. (2010). Facebook privacy settings: Who cares? <i>First Monday</i> , 15(8).	Privacidade	Estados Unidos

Bryce, J., & Fraser, J. (2013). "It's Common Sense That It's Wrong": Young People's Perceptions and Experiences of Cyberbullying. <i>Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking</i> , 16(11), 783-787.	<i>Cyberbullying</i> , Medidas de Resolução dos Jovens	Reino Unido
Byrne, S., & Lee, T. (2011). Toward predicting youth resistance to internet risk prevention strategies. <i>Journal of Broadcasting & Electronic Media</i> , 55(1), 90-113.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Lacuna entre Gerações	Estados Unidos
Cai, X., & Gantz, W. (2000). Online privacy issues associated with Web sites for children. <i>Journal of Broadcasting & Electronic Media</i> , 44(2), 197-214.	Privacidade	Estados Unidos
Chai, S., Bagchi-Sen, S., Morrell, C., Rao, H.R., & Upadhyaya, S. J. (2009). Internet and online information privacy: An exploratory study of preteens and early teens. <i>Professional Communication, IEEE Transactions on</i> , 52(2), 167-182.	Privacidade	Estados Unidos
Clark, L. S. (2013). <i>The Parent App: Understanding Families in the Digital Age</i> . Oxford University Press.	Lacunas entre Gerações	Estados Unidos
d'Haenens, L., Vandonink, S. and Donoso, V. (2013). <i>How to cope and build resilience</i> . Londres: EU Kids Online, LSE. http://eprints.lse.ac.uk/48115	Medidas de Resolução dos Jovens	UE (União Europeia)
DeHue, F., Bolman, C., & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' experiences and parental perception. <i>CyberPsychology & Behavior</i> , 11(2), 217-223.	<i>Cyberbullying</i> , Lacunas entre Gerações	Países Baixos
Dyson, H. (2011). The electronic footprint. <i>Academy Magazine</i> , 1(1) p. 55	Reputação na Internet	Reino Unido
Ey, L. A., & Cupit, C. G. (2011). Exploring young children's understanding of risks associated with Internet usage and their concepts of management strategies. <i>Journal of Early Childhood Research</i> , 9(1), 53-65.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Lacuna entre Gerações	Austrália
Faughty, J. J. (2010). <i>Challenging Risk: NZ Highschool Students' Activity, Challenge, Distress, and Resiliency, within Cyberspace</i> . Retirado de: https://researchspace.auckland.ac.nz/bitstream/handle/2292/6775/whole.pdf?sequence=8	<i>Cyberbullying</i> , Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Privacidade, Reputação na Internet, Medidas de Resolução dos Jovens, Lacunas entre Gerações, Conteúdo/Assédio Sexual	Nova Zelândia

Fenaughty, J., & Harré, N. (2013). Factors associated with distressing electronic harassment and cyberbullying. <i>Computers in Human Behavior</i> , 29(3), 803-811.	Cyberbullying	Nova Zelândia
Fenaughty, J., & Harré, N. (2013). Factors associated with young people's successful resolution of distressing electronic harassment. <i>Computers & Education</i> , 61, 242-250.	Cyberbullying, Medidas de Resolução de Jovens	Nova Zelândia
Finkelhor, D. (2011). "The Internet, Youth Safety and the Problem of 'Juvenioia.'" <i>A Report of the Crimes Against Children Research Center</i> . Retirado de: http://www.unh.edu/ccrc/pdf/Juvenioia%20paper.pdf .	Lacunas entre Gerações	Estados Unidos
Finkelhor, D., Mitchell, K. J., & Wolak, J. (2000). <i>Online Victimization: A Report on the Nation's Youth</i> . Retirado de: www.unh.edu/ccrc/pdf/jvq/CV38.pdf	Conteúdo/Assédio Sexual	Estados Unidos
Finkelhor, D., Turner, H. A., & Hamby, S. (2012). Let's prevent peer victimization, not just bullying. <i>Child Abuse & Neglect</i> , 36(4), 271-274.	Cyberbullying	Estados Unidos
Hart Research Associates. (2011). <i>Who Needs Parental Controls? A Survey of Awareness, Attitudes, and Use of Online Parental Controls</i> . Washington, DC: Family Online Safety Institute.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Lacuna entre Gerações	Estados Unidos
Hart Research Associates. (2012). <i>The Online Generation Gap: Contrasting attitudes and behaviors of parents and teens</i> . Washington, DC: Family Online Safety Institute.	Lacuna entre Gerações	Estados Unidos
Hart Research Associates. (2013). <i>Teen Identity Theft: Fraud, Security, and Steps Teens are Taking to Protect Themselves Online</i> . Washington, DC: Family Online Safety Institute.	Privacidade	Estados Unidos
Hertzel, D. A. (1999). Don't talk to strangers: An analysis of government and industry efforts to protect a child's privacy online. <i>Fed. Comm. LJ</i> , 52, 429.	Privacidade	Estados Unidos
Hinduja, S. & Patchin, J. (2014). <i>State Cyberbullying Laws: A Brief Review of State Cyberbullying Laws and Policies</i> . Retirado de: http://www.cyberbullying.us/Bullying_and_Cyberbullying_Laws.pdf	Cyberbullying	Estados Unidos

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2012). Cyberbullying: Neither an epidemic nor a rarity. <i>European Journal of Developmental Psychology</i> , 9(5), 539-543.	Cyberbullying	Estados Unidos
Hoofnagle, C. J., King, J., Li, S., & Turow, J. (2010). <i>How different are young adults from older adults when it comes to information privacy attitudes and policies?</i> Retirado de: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract-id=1589864	Lacuna entre Gerações	Estados Unidos
Lee, S. J., & Chae, Y. G. (2012). Balancing participation and risks in children's internet use: The role of internet literacy and parental mediation. <i>Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking</i> , 15(5), 257-262.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Lacuna entre Gerações	Coréia do Sul
Lenhart, A. (2007). <i>Cyberbullying and online teens</i> . Retirado de: http://www.pewinternet.org/2007/06/27/cyberbullying/	Cyberbullying	Estados Unidos
Levy, N., Cortesi, S., Gasser, U., Crowley, E., Beaton, M., Casey, J., & Nolan, C. (2012). <i>Bullying in a networked era: A literature review</i> . Boston, MA: Berkman Center for Internet & Society.	Cyberbullying	Estados Unidos
Livingstone, S. (2006). Drawing conclusions from new media research: Reflections and puzzles regarding children's experience of the Internet. <i>The Information Society</i> , 22(4), 219-230.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Reputação na Internet, Lacuna entre Gerações	Reino Unido
Livingstone, S., & Bober, M. (2006). Regulating the internet at home: contrasting the perspectives of children and parents. <i>Digital generations: Children, young people, and new media</i> , 93-113.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Medidas de Resolução dos Jovens, Lacuna entre Gerações	Reino Unido
Livingstone, S., Kirwil, L., Ponte, C., & Staksrud, E. (2014). In their own words: What bothers children online? <i>European Journal of Communication</i> , 29(3), 271-288.	Lacuna entre Gerações	UE (União Europeia)
Madden, M., Cortesi, S., Gasser, U., Lenhart, A., & Duggan, M. (2012). <i>Parents, teens, and online privacy</i> . Washington, DC: Pew Research Center's Internet & American Life Project.	Privacidade	Estados Unidos

Marwick, A.E., & boyd, d. (2011). The drama! Teen conflict, gossip, and bullying in networked publics. <i>In A Decade in Internet Time: Symposium on the Dynamics of the Internet and Society</i> . Oxford Internet Institute.	Medidas de Resolução dos Jovens, Lacunas entre Gerações	Estados Unidos
Nigam, H., & Collier, A. (2010). <i>Youth safety on a living Internet</i> . Retirado de: www.ntia.doc.gov/legacy/reports/2010/OSTWG_Final_Report_060410.pdf	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção)	Estados Unidos
OECD. (2012). <i>The Protection of Children Online: Recommendation of the OE CD Council</i> . Paris, França.	Cyberbullying, Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Privacidade, Reputação na Internet, Medidas de Resolução dos Jovens, Conteúdo/Assédio Sexual	
Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2012). School-Based Efforts to Prevent Cyberbullying. <i>The Prevention Researcher</i> , 19(3), 7-9.	Cyberbullying, Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção)	Estados Unidos
Pieschl, S., Porsch, T., Kahl, T., & Klockenbusch, R. (2013). Relevant dimensions of cyberbullying—Results from two experimental studies. <i>Journal of Applied Developmental Psychology</i> , 34(5), 241-252.	Cyberbullying	Alemanha
Sabella, R. A., Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2013). Cyberbullying myths and realities. <i>Computers in Human Behavior</i> , 29(6), 2703-2711.	Cyberbullying	Estados Unidos
Steeves, V. (2012). <i>Young Canadians in a Wired World Phase III: Talking to Youth and Parents about Life Online</i> . Ontario, Canada: MediaSmarts.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Lacuna entre Gerações	Canadá
Strider, J., Third, A., Locke, K. & Richardson, I. (2012). <i>Parental Approaches to Enhancing Young People's Online Safety</i> . Melbourne, VIC: Cooperative Research Centre for Young People, Technology and Wellbeing.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade	Austrália
Third, A., Richardson, I., Collings, P., Rahilly, K. & Bolzan, N. (2011). <i>Intergenerational attitudes towards social networking and cybersafety: A living lab</i> . Melbourne, VIC: Cooperative Research Centre for Young People, Technology and Wellbeing.	Lacunas entre Gerações	Austrália

Third, A., Spry, D., & Locke, K. (2013). <i>Enhancing parents' knowledge and practice of online safety</i> . Melbourne, VIC: Cooperative Research Centre for Young People, Technology and Wellbeing.	Envolvimento dos Pais e da Comunidade (Medidas de Prevenção), Lacuna entre Gerações	Austrália
Vandebosch, H., & Van Cleemput, K. (2008). Defining cyberbullying: A qualitative research into the perceptions of youngsters. <i>CyberPsychology & Behavior</i> , 11(4), 499-503.	Cyberbullying, Lacunas entre Gerações	Bélgica
Vandebosch, H., & Van Cleemput, K. (2009). Cyberbullying among youngsters: Profiles of bullies and victims. <i>New Media & Society</i> , 11(8), 1349-1371.	Cyberbullying	Bélgica
Wolak J, Mitchell K, Finkelhor D. (2006). <i>Online victimization of youth: 5 years later</i> . Retirado de: http://www.unh.edu/ccrc/pdf/CV138.pdf	Cyberbullying, Conteúdo/Assédio Sexual	Estados Unidos
Wolak, J., & Finkelhor, D. (2011). <i>Sexting: A Typology</i> . Durham, NH: Crimes against Children Research Center.	Conteúdo/Assédio Sexual	Estados Unidos
Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2006). Examining characteristics and associated distress related to Internet harassment: findings from the Second Youth Internet Safety Survey. <i>Pediatrics</i> , 118(4), e1169-e1177.	Cyberbullying, Conteúdo/Assédio Sexual	Estados Unidos

ESTUDOS DE GOVERNANÇA

The Brookings Institution
1775 Massachusetts Ave., NW
Washington, DC 20036
Tel: 202.797.6090
Fax: 202.797.6144
brookings.edu/governance.aspx

Edição

Christine Jacobs
Beth Stone

Production & Layout

Beth Stone
Nick McLellan

**ENVIE SEUS COMENTÁRIOS PARA
GSCOMMENTS@BROOKINGS.EDU**

Este estudo é distribuído com a expectativa de que poderá evocar comentários úteis e está sujeito à revisão subsequente. As opiniões contidas neste documento são as opiniões dos autores e não devem ser atribuídas à equipe, diretores ou administradores da Brookings Institution.